

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 1 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-664-5 DOI 10.22533/at.ed.645192709 1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 370.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade. No 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional. Por fim, no 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - GÊNERO E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1	1
A DANÇA NA ESCOLA BILÍNGUE: INCLUSÃO DE SURDOS SOB O OLHAR DOCENTE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY	
Sandra Maria da Silva Oliveira Suelene Regina Dônola Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.6451927091	
CAPÍTULO 2	12
A DEFICIÊNCIA E HUMANIDADE: BREVE HISTÓRICO	
Anna Paola Xavier Chiaradia Lurdes Caron	
DOI 10.22533/at.ed.6451927092	
CAPÍTULO 3	22
AFETIVIDADE, INCLUSÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Elson Klusvick da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6451927093	
CAPÍTULO 4	34
BRECHÓ CASA DO ESTUDANTE: EU FAÇO PARTE DESSE PROJETO!	
Gabriel Macedo de Oliveira Janine Coelho Ouriques Catia Puppe Camila Flores da Rosa Hiassanna Hoppe Buske Larissa Buligon Brondani Lúcia Cherobini Prevedello Patrícia Petterini Robert Hugo Schoeffel Tatiana Alves Vaz Valeska Madruga Cera Vanessa Miolo	
DOI 10.22533/at.ed.6451927094	
CAPÍTULO 5	40
BRINCADEIRA DE MENINA, BRINCADEIRA DE MENINO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA	
Mateus Leonardo Cassimiro Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.6451927095	
CAPÍTULO 6	48
DESAFIOS DO EDUCADOR DIANTE DA VIOLÊNCIA PERPETRADA NA ESCOLA POR MEIO DOS CANAIS VIRTUAIS	
Isaura Maria dos Santos Mario Augusto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6451927096	

CAPÍTULO 7	57
EDUCAÇÃO E EXTRATIVISMO VEGETAL COM A ETNIA CHIQUITANA, FRONTEIRA BRASIL/ BOLÍVIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Denildo da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6451927097	
CAPÍTULO 8	67
EDUCAÇÃO POPULAR, ECONOMIA SOLIDÁRIA E O EMPODERAMENTO FEMININO	
Elisângela de Oliveira Fontoura	
Geraldo Augusto Locks	
João Eduardo Branco de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6451927098	
CAPÍTULO 9	78
GÊNERO E EDUCAÇÃO: ENFRENTAMENTO DE VIOLÊNCIAS	
Luan Felipe Alves Couto	
Mareli Eliane Graupe	
DOI 10.22533/at.ed.6451927099	
CAPÍTULO 10	85
GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS A PARTIR DA ANÁLISE DO RELATÓRIO “JOGO ABERTO” EMITIDO EM 2017 PELA UNESCO	
Francisco Cláudio Araújo de Castro da Paz	
Francisco Eduardo Araújo de Castro da Paz	
Madison Rocha Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.64519270910	
CAPÍTULO 11	96
INVESTIGAÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
José Cleferson Alves Ferreira da Silva	
João Paulo de Oliveira Nunes	
Marianny de Souza	
Ana Paula Batista de Almeida	
Mônica Fagundes dos Santos	
João Paulo Alves de Albuquerque	
Cícera Lopes dos Santos	
Maria Lusia de Moraes Belo Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.64519270911	
CAPÍTULO 12	106
O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO (PEI) NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	
Tânia Mara dos Santos Bassi	
Vilma Miranda de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.64519270912	
CAPÍTULO 13	117
PRÁTICAS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Andréia Miranda de Moraes Nascimento	
Luana Paula Carvalho Silva	
Gabriela Regina Miguel Reis	
DOI 10.22533/at.ed.64519270913	

CAPÍTULO 14 125

PROMOÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PARQUE DE SALVADOR

[Andrea Oliveira D'Almeida](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270914

PARTE 2 - INTERDISCIPLINARIDADE

CAPÍTULO 15 136

EDUCAÇÃO DO CAMPO: O QUE MERECEM SEUS SUJEITOS

[Claudenir Bunilha Caetano](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270915

CAPÍTULO 16 153

“ESCOLA SEM PARTIDO”: CRISE NA EDUCAÇÃO?

[Franciane Sousa Ladeira Aires](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270916

CAPÍTULO 17 165

HUMANISMOS FILOSÓFICOS EM INTERFACE COM O HUMANISMO CRISTÃO NUMA PROPOSTA EDUCACIONAL

[Francisco de Assis Carvalho](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270917

CAPÍTULO 18 177

JOVENS E FORMAÇÃO INTERNACIONAL: SEMANA ACADÊMICA DO BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA DA FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI NA ITÁLIA

[Patrícia Wazlawick](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270918

CAPÍTULO 19 196

MEDIANDO SIGNIFICAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DE SENTIDOS

[Poliana Fernandes dos Santos](#)

[Bárbara Garcia Ferri](#)

[Claudia Gomes](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270919

CAPÍTULO 20 208

O APRENDIZADO NO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM DESIGN DE INTERIORES COMO TEMA DE PESQUISA

[Joseane Aparecida Ipolito](#)

[Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270920

CAPÍTULO 21 216

O CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS DO CENÁRIO RURAL CONTEMPORÂNEO

[Ivone Barbosa Targa](#)

[Roberto Kanaane](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270921

CAPÍTULO 22	227
O ENSINO NO BRASIL E A FORMAÇÃO DA DISCIPLINA GEOGRAFIA	
Jone Clay Custodio Borges	
Marcelo Rodrigues Mendonca	
DOI 10.22533/at.ed.64519270922	
CAPÍTULO 23	237
O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: NO CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR	
Thiago Ferreira de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.64519270923	
CAPÍTULO 24	247
O JOVEM E A SUA SEGUNDA VIDA BASEADA EM ESTEREÓTIPOS E O DIFERENCIAL DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA	
Ana Carolina Marzzari	
Eloisa Vieira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.64519270924	
CAPÍTULO 25	256
O PENSAMENTO ESPACIAL QUE ATRAVESSA A MATEMÁTICA E A CARTOGRAFIA: FAZER-SE PROFESSOR(A) ENTENDENDO O PENSAMENTO DAS CRIANÇAS	
Denise Wildner Theves	
Lenir dos Santos Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.64519270925	
CAPÍTULO 26	269
PLANTANDO DÁ, EM BUSCA DE UMA VIDA SAUDÁVEL	
Sandra Berro Maia	
Andréa Magale Berro Vernier	
Luciana Pinheiro Silveira Alfaro	
Alan Pedroso Leite	
Bárbara Gehrke Bairros	
DOI 10.22533/at.ed.64519270926	
CAPÍTULO 27	279
PRODUZINDO AVALIAÇÕES DE QUALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS	
Talita Emídio Andrade Soares	
Denilson Junio Marques Soares	
DOI 10.22533/at.ed.64519270927	
CAPÍTULO 28	285
REFLETINDO A EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI	
Iracema Cristina Fernandes da Silva	
Terezinha Fernandes Martins de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.64519270928	
SOBRE O ORGANIZADOR	295
ÍNDICE REMISSIVO	296

EDUCAÇÃO E EXTRATIVISMO VEGETAL COM A ETNIA CHIQUITANA, FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Denildo da Silva Costa

Unemat

Vila Bela da Santíssima Trindade - MT

RESUMO: A etnia Chiquitana é compartilhada no espaço de fronteira política territorial de Brasil e Bolívia, suas aldeias e comunidades estão no departamento de Santa Cruz (Bolívia) e estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Este trabalho ocorreu nos anos de 2015 a 2017, na comunidade *San Nicolás del Cerrito*, *San Ignacio de Velasco*, Bolívia, faixa de fronteira com o Brasil, investigou-se as práticas extrativista com vegetais: os conhecimentos à educação tradicional e os desafios de manutenção na atualidade. Foram coletados os dados a partir de observação participante e entrevistas semiestruturadas. A partir desta pesquisa foi possível compreender que realizam o extrativismo constituindo patrimônio ecológico cultural da etnia. A comunidade está localizada no bioma cerrado, as práticas extrativistas são orientadas por fatores cosmológicos, biológicos e ambientais na região. Atualmente as práticas culturais presentes de extrativismo e enfrentam desafios para sua continuidade, pois algumas práticas estão conseqüentemente abandonadas, em virtude de fatores em potencial como: a economia regional, novos costumes e a educação das gerações novas.

Dos modos de transmissão cultural nas sociedades humanas (Hewlett e Cavalli-Sforza, 1986), define para os atuais extrativistas que aprenderam nas formas: Vertical ou pai-para-filho e Muitos-para-um (anciãos ensinando os membros mais jovens), porém hoje o modo Um-para-muitos (predominante hoje: escolas, mídia, livros). Compreendemos que esses fenômenos alteram as relações enquanto grupo étnico e desencadeiam processos como êxodo, opressão financeira e alterando o conhecimento cultural, onde a escola contribui como alheia ao processo libertador, materializando ao processo opressor.

PALAVRAS-CHAVE: Chiquitano; Conhecimento tradicional; Educação; Desafios.

EDUCATION AND PLANT EXTRACTIVISM WITH THE CHIQUITANA ETHNIC GROUP, BRAZIL / BOLIVIA BORDER: CHALLENGES AND PERSPECTIVES

ABSTRACT: The Chiquitana ethnic group is shared in the border territory territory of Brazil and Bolivia, its villages and communities are in the department of Santa Cruz (Bolivia) and states of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul. This work occurred in the years 2015 to 2017, in the community of *San Nicolás del Cerrito*, *San Ignacio de Velasco*, Bolivia, border area

with Brazil, we investigated extractivist practices with vegetables: the knowledge of traditional education and the current maintenance challenges. Data were collected from participant observation and semi-structured interviews. Based on this research, it was possible to understand that they perform the extractivism constituting cultural heritage of the ethnic group. The community is located in the cerrado biome, the extractive practices are oriented by cosmological, biological and environmental factors in the region. Currently the cultural practices present in extractivism and face challenges for its continuity, because some practices are consequently abandoned due to potential factors such as: regional economy, new customs and the education of the new generations. From the modes of cultural transmission in human societies (Hewlett and Cavalli-Sforza, 1986), he defines for current extractivists who have learned in the forms: Vertical or parent-to-child and Many-to-one (elders teaching younger members) but today the One-to-Many mode (predominant today: schools, media, books). We understand that these phenomena alter relationships as an ethnic group and trigger processes such as exodus, financial oppression and altering cultural knowledge, where the school contributes as alien to the liberating process, materializing the oppressive process.

KEYWORDS: Chiquitano; Traditional knowledge; Education; Challenges.

INTRODUÇÃO

Costa (2006) define o nome genérico para a etnia que representa um amálgama, ou seja, dezenas de povos e culturas unificados nas missões Jesuítas de Chiquitos no final do século XVII e XVIII, centro da América do Sul. A constituição do povo Chiquitano é fruto de quase um século de relações Interétnicas nessas reduções religiosas, que constitui culturalmente na atualidade compartilhados pela fronteira política territorial de Brasil e Bolívia. Suas aldeias e comunidades estão no departamento de Santa Cruz (Bolívia) e estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Puhl, 2011).

A relação homem-natureza é uma das práticas mais antigas no que se refere ao manejo vegetal, podem-se subtrair diversos produtos madeireiros e não madeireiros, de acordo com as espécies disponíveis em cada região. Homma (1993) classifica o extrativismo em duas categorias: o predatório (o vegetal é aniquilado pela ação da extração) e o não predatório (a integridade do vegetal mantém pela regeneração).

Para comunidades tradicionais, o extrativismo é uma prática que enfrenta muitos desafios e resistências, por isso Castro (1997) considera-as esses espaços como produtores de saberes e detentores das formas de manejo, essenciais à preservação da biodiversidade.

O objetivo deste estudo foi verificar as formas de apropriações de manejo extrativista, destacando o conhecimento da etnia Chiquitana acerca das práticas e a relação educação na comunidade *San Nicolás del Cerrito, San Ignacio de Velasco*, Bolívia.

MATERIAIS E METODOS

Pesquisa realizada entre 2015 a 2017 na Chiquitania, uma região de vegetação peculiar distribuída no oriente de Bolívia e zonas adjacentes do centro ocidental do Brasil, formação de vegetação Cerrado (Navarro, 2001), alternando segundo as topografias e os solos, apresentando diferentes tipos de bosques de acordo com a drenagem. A comunidade pesquisada foi *San Nicolás del Cerrito* (figura 01), que sofre influências da *Laguna Marfil* e de seus afluentes, que está ligada à macro bacia Amazônica e sub bacia do Guaporé (SALAZAR, 2010).

Foram realizados estudos de gabinete com bibliografias específicas sobre a pesquisa e trabalho de campo (MALINOWSKI, 1978), este último para coleta de dados com base observação participante direta, convivendo com a comunidade (GEERTZ, 1989 e WHYTE, 2005). Com auxílio de caderno de campo e entrevistas semiestruturadas (BERNARD, 2006) impetramos uma parte introdutória referente aos conhecimentos pessoais dos informantes e outra relacionada ao uso de palmeiras na região. A metodologia de questionário semiestruturado oportuniza a liberdade para o informante dialogar em todos os aspectos requeridos, os usos citados foram categorizados por espécies e respectivas classes de usos da parte vegetal.

Nas escolhas dos informantes, utilizou-se a metodologia Bola de neve (*Snow ball*) (BAILEY, 1994; ALBUQUERQUE et al. 2008), identificando especialistas na arte do extrativismo nomeados pelos membros da própria comunidade, que passou a ser informante-chave para identificação de outros extrativistas, configurando uma rede de informantes interligados pelas práticas e pelos conhecimentos. No total, nove pessoas foram entrevistadas contribuindo com seus conhecimentos específicos; alguns momentos de coletas foram acompanhados junto ao bosque. A análise dos dados foi organizada de forma qualitativa, a partir de amostragens individuais para dados culturais coletivos (BERNARD, 2006).

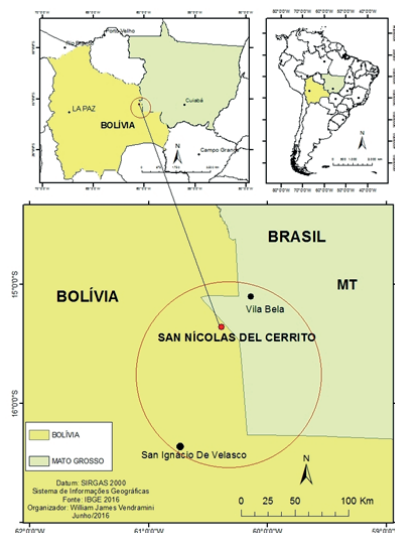


Figura 01 – Mapa de Localização da comunidade pesquisada: *San Nicolás del Cerrito* - Bolívia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme Whyte (2013), a partir que o processo globalizante se consolida, ocorrem mudanças em passos acelerados, a herança biocultural da humanidade codificada em línguas indígenas, práticas de manejo de recursos naturais, tecnologias e expressões artísticas são cada vez mais ameaçadas, com deslocamentos territoriais e invasões, urbanizações, mudanças climática e outros fatores de desenvolvimento não autóctone.

A história da comunidade de *San Nicolás del Cerrito* iniciou na década de 1970, com processo de migração de outras comunidades da região, atualmente é composta por trinta e duas famílias, possuindo uma estrutura autóctone de herança missionária cristã. A comunidade é desprovida de energia elétrica, água encanada e saneamento básico.

Os Chiquitano enquanto grupo indígena possui uma produção agrícola orientado pelo autoconsumo, articulando uma contenção que combina: agricultura, caça, pesca e coletas. Balza (2001) define a etnia Chiquitana como *Selvícolas*, ou seja, que praticam a agroecologia, com o advento do processo colonizador e posterior com políticas nacional, foram classificados como *campesino* (denominação a população de camponeses, produtores rurais) e seus territórios foram fragmentados em pequenas áreas.

O extrativismo vegetal é realizado sem fins comercial, com diferentes utilidades: alimentação, construções diversas, medicinais, rituais e utensílios domésticos. Entre as espécies destacam-se as Palmeiras com prática predatória em duas espécies: Babaçu (*Attalea speciosa*) e Bocaiuva (*Acrocomia aculeata*) para obtenção de palmito. Para a confecção de *jasaiés* (cestos cargueiros diversos) não é predatória, pois se subtrai Meristema apical (broto) que logo regenera.

Balza (2001) classifica a tradição material cultural Chiquitana como campestre seminômade, adaptações ao bioma cerrado com confecção de objetos portáteis e descartáveis para mobilidade sazonal. Em toda comunidade são evidenciadas palmeiras com pecíolos cortados em processo de regeneração.

As práticas extrativistas com palmeiras não se restringem a gêneros (homens e mulheres o praticam, diferenciando os trabalhos mais exaustivos encarregados à atividade masculina), são realizadas respeitando aos ciclos lunares, ciclos climáticos das estações e as fases biológicas dos vegetais. Como relatam dois entrevistados:

“Cortamos as palhas no bosque na fase de lua cheia, é o momento que tem maior durabilidade contra os bichinhos e resiste mais tempo” (A. O, 65 anos).

“A melhor época para trabalhar com as palhas é depois de Agosto, com tempo seco, sem chuva, resiste mais tempo o trabalho feito” (L. R, 60 anos).

Para melhor compreender essa relação ecológica, Leff (2000) define:

A percepção global do ambiente tem um papel fundamental nos sistemas

gnosiológico das sociedades tradicionais. A concepção do mundo comunidade integra o seu saber mítico e o seu comportamento ritual as suas práticas produtoras: o saber dos processos geofísicos (mudanças de estações, fases lunares e ciclos biogeoquímicos, ecológicos e hidrológicos, associam-se ao conhecimento dos diferentes tipos de solos, permitindo utilizar os espaços ecológicos de maneira complementar, gerando estratégias de uso múltiplo e integrado dos recursos bióticos. A natureza converte-se, assim num patrimônio cultural e num recurso econômico (LEFF, 2000, p. 129-130).

Para as coletas, são utilizados espaços territoriais da comunidade e fora, em áreas particulares de fazendas. O que Balza (2001) assinala diferenças entre terra e território, o espaço da área da comunidade corresponde a terra demarcada pelo estado, mas não correspondendo ao território tradicional. Quando o recurso está fora do ambiente dos Chiquitano é necessária permissão para coleta, que geralmente é concedida pelos fazendeiros em virtude dos laços de amizade, compadrio ou relações trabalhistas.

Para Urioste (1992) a reforma agrária Boliviana somente compeliu aos indígenas a possibilidade de reconhecer os espaços baixo uma lógica agrária e nunca considerando suas outras formas de uso do espaço e muito menos tomando em conta seu caráter cultural com identidade própria, diferente da identidade nacional.

Alguns trabalhos envolvem rituais de coletividade enquanto grupo social, por exemplo, construir moradias. A primeira etapa consiste em construir toda a estrutura de sustentação para depois cobri-la com as palhas, que são colhidas no bosque em períodos alternados (evitando calor intenso), por isso o melhor momento para trabalhar na coleta é durante o período matutino e final da tarde. Depois de colhidas, são amontoadas em volumes para depois serem transportadas de alguma maneira: força humana, tração animal ou motorizada, para trabalho coletivo na confecção de coberturas de moradias.

A educação familiar e escolar são os fatores determinantes, pois os ensinamentos empíricos e as técnicas de manejo não são vinculados às novas gerações. A ruptura com o saber local aborta a continuidade dos valores tradicionais e culturais de conhecimento sobre o manejo extrativista.

Nas palavras de Homma (1993), o extrativismo vegetal está fadado ao desaparecimento, por conta dos fatores econômicos de mercado. Em virtude da globalização, muitos produtos são incorporados ou até substituídos, tanto que, na comunidade ouvimos o seguinte relato:

“Não se faz mais cestos de palmeiras, compra-se bolsa pronta” (J. C. O, 52 anos).

Martins (1997) define como momento de ruptura dos vínculos entre pais e filhos, início de uma nova unidade familiar ou busca de novas alternativas de vida, representa intensa interferência pela necessidade de dinheiro para suprir ao consumismo. As Migrações são fomentadas com a crença de estarem com ganho financeiro adicional temporariamente, porém os ciclos culturais são alterados, os elos de ensino e educação tradicional desprendem.

Esse ritmo etnográfico fragmentado pelas práticas econômicas abrolha questões sobre o papel da escola na comunidade enquanto instituição de educação e transformações, instrumento alheio ou coadjuvante das realidades, conecta consonância para liberdade ou mera reprodutora do sistema.

Nas palavras de Ives, Barros e Nakayama (2015), o saber e a história dos mais velhos não é apenas correr atrás das lembranças e experiências de uma vida, mas um patrimônio cultural que, se não for reconhecido e valorado, vai se perder irremediavelmente no tempo e no espaço.

No que diz respeito à educação, um senhor que pratica extrativismo reflete sobre o papel da família, os valores e os conhecimentos que foram transmitidos por gerações. Vejamos alguns dois depoimentos sobre as novas gerações e o tratamento:

“Meu filho de 9 anos fora da escola me acompanha no campo na lida, já sabe laçar bem, montar em cavalo, assentar porteira” (Sr. A. M. G, 40 anos).

“Aprendi com meus pais, eles ensinavam a fazer, coletar no bosque, trabalhar roça, tudo! Hoje os pais não ensinam, eles trabalham em fazendas com patrão, não tem tempo para ensinar seus filhos, que não sabem, não aprendem e não tem nada a ensinar adiante” (A. O, 65 anos).

A assimilação é algo importante na vida educacional, ou seja, as crianças crescem no meio social, cujas práticas norteiam sua vida de aprendizagem por intermédio da interação. Assim as atividades íntimas da família e participações de crianças e jovens em rituais transmitem sentimentos e contato de relacionamento com a vida cultural (PARK; BURGESS, 1921).

Muitos diante do sistema não percebem que o capital transformou e transforma a vida deles, as crianças já nascem para o trabalho nas fazendas. Reproduzindo vícios e círculos somente para servir o trabalho assalariado que impõe cadência regional, até chegar à escola.

É comum fazendeiros mimosear as unidades escolares da região, inclusive a escola da comunidade com ações caridosas, situação às vezes superior ao atendimento pelo estado na esfera governamental de assistência. Criando uma ideologia de fomento e dependência aos laços de servidão, nas palavras de Foucault (1987) dominação por parte da classe dominante, materializado pelo estado e fazendeiros.

Em todas as entrevistas com os extrativistas, foi trazida a lembrança da aprendizagem enquanto eram jovens, passada pelos pais ou com pessoas familiares próximas, sustentando a importância da educação tradicional e dos valores culturais repassados entre as gerações.

A transmissão cultural é definida como um processo através do qual os traços de conhecimento, padrões de comportamento, ideias, práticas, valores e crenças cosmológicas de uma cultura são comunicados e adquiridos através das gerações (Cavalli-Sforza e Feldman 1981; Cohen 2010).

Processo este incorporado na estrutura social (gênero, idade e parentesco),

instituições e lugar (casamento, religião, associações comunitárias, escola). Hewlett e Cavalli-Sforza (1986) distinguem cinco modos de transmissão cultural nas sociedades humanas, usados em várias combinações e relações através da vida de uma pessoa: vertical ou pai-para-filho; horizontal (entre quaisquer indivíduos); oblíquo (através das gerações); um-para-muitos (predominante hoje: escolas, mídia, livros); e muitos-para-um-modo (anciãos ensinando os membros mais jovens).

A pesquisa revelou que os extrativistas da comunidade aprenderam pelo processo de transmissão cultural Vertical ou pai-para-filho e muitos-para-um-modo (ensinado por anciões), essas estratégias são bases dos conhecimentos autóctones. Hoje a modalidade que se consolida para os jovens é Um-para-muitos, monopolizado pela escola ou patrões nas fazendas, rompendo a ligação etnocultural promovendo a perda dos conhecimentos tradicionais.

Compreendemos que a cultura é viva, tem capacidade adaptativa à medida que a transmissões dos conhecimentos mudam ao longo do tempo. Nesse caso a escola não se sensibilizando as práticas culturais locais para reproduzir o sistema opressor fomenta o apagamento da memória local.

Freire (1987) define a escola como agência libertadora ou emancipatória contra a alienação, define a compreensão que a cultura é democrática, jamais com sobreposição ou dominação, o respeito e a compreensão são fundamentais.

Assim a comunidade poderia promover a racionalidade de Ecodesenvolvimento, proposta por Sanchs (1986), com estratégias alternativas de desenvolvimento sustentadas pela produtividade primária ecossistêmica. Bases ecológicas adaptadas às condições culturais de cada comunidade, com autogestão tecnológica de seus recursos. Fundamentos sustentados por em três pilares: justiça social, eficiência econômica e precaução ecológica (Sachs, 1986 e Raynaut, 1993).

Em *San Nicolás del Cerrito* a quanto o tempo ocorre, diminuem os extrativistas, ofício restrito a idosos, inexistente qualquer trabalho de transmissão desses saberes as novas gerações, seja na escola local ou com as famílias pesquisadas. Existem vários agravantes que promovem esse declínio, além do monopólio econômico da região, a comunidade está dentro de uma área de proteção e manejo integrado com controle ambiental, com ações de proibição e restrição pelo governo, que excita a incorporação de modelo nacionalista hegemônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propiciou compreender o papel da instituição escola e o futuro que a mesma desempenha em uma determinada região, comunidade ou etnia. Seu currículo, suas práticas e seus direcionamentos devem estar bem alicerçados em defesa para a promoção de justiça social, liberdade e democracia. A incúria que qualquer um desses pontos mencionados prevalece às instituições alheias com seus

interesses particulares.

A comunidade é autóctone que possui muitos conhecimentos tradicionais praticados, como os processos de extrativismo vegetal, um rico patrimônio cultural que enfrenta desafios potenciais internamente e externamente.

As pressões econômicas regionais somadas à opressão governamental promovem a quebra do ritmo da educação tradicional no decorrer das gerações. A escola da comunidade necessita materializar a democracia em práticas como proteção dos recursos naturais e culturais. Os anciões detentores dos conhecimentos extrativistas devem compor parte do grupo educacional promovendo estratégias de dialogar todos os desafios e mudanças.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P. et al. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Livro Rapido/NUPEEA. Recife, 2008.

ATHAYDE, S; SILVA-LUGO, J; SCHIMINK, M and HECKENBERGER, M. The same, but different: Indigenous Knowledge Retention, Erosion, and Innovation in the Brazilian Amazon. Hum Ecol. Springer Science Business Media. LLC, 2017.

BALZA, R. Tierra, Territorialidad indígena. Un estudio antropológico sobre la evolución en las formas de ocupación del espacio del Pueblo indígena chiquitano de la ex-reducción jesuita de San José. Em: Serie Pueblos Indígenas de las Tierras Bajas de Bolivia. Vol. 17 – APOCOB/ SNV/ IWGIA. Santa Cruz de la Sierra, 2001.

BAKER, W. J.; DRANSFIELD, J. Beyond Genera Palmarum: progress and prospects in palm systematics. Botanical Journal of the Linnean Society, 2016

BAILEY, K. Methods of social research. New York, The Free Press. 1994.

BALSLEV, H. Bernal, R e Fay, M.F. Palms: emblems of tropical forests. The Linnean Society of London, Botanical Journal of the Linnean Society, 182, 195–200, 2016.

BERNARD, H. R., Research Methods, in Anthropology: Qualitative and Social Mechanism for build Qualitative Approaches. New York: Altamira Press. 2006.

BEECH, E; RIVERS, M & SMITH, P. P. Global Tree Search: the first complete global database of tree species and country distributions. Journal of Sustainable Forestry 36 (5); 454 – 489, 2017.

BROKAMP, G. et al. Trade in Palm Products in North-Western South America. Botanical Garden. The New York, 2011.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: Cejup, 1997.

CAVALLI-SFORZA, L. L., and Feldman M. W. Cultural transmission and evolution: a quantitative approach, Princeton University Press, Princeton, 1981.

COHEN, E. Anthropology of knowledge. Journal of the Royal Anthropological. Special Issue on Making Knowledge: S193–S202, 2010.

COSTA, J. E. F. M. da. A coroa do mundo: religião, território e territorialidade chiquitano. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

COSTA, D da S. Extrativismo de palmeiras na comunidade *San Nicolás del Cerrito na área de manejo integrada municipal Laguna Marfil – San Ignacio de Velasco* – Bolívia. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Orientadora: Célia Alves de Souza. Cáceres/MT: UNEMAT, 2017.

COX, P.A. Will tribal knowledge survive the millennium? *Science* 287(5450): 44–45. 2000.

DORADO, I. D. S. El reino encantado de Bae Tupásh: tradición oral, mitología y leyendas Chiquitanas. Rio de Pie Editora. San Ignacio de Velasco, 2013.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FUENTES, A.; KILLEEN, T. J.; JARDIN, A. Guia de los Arboles y Arbustos del Bosque Seco Chiquitano, Bolívia. Editora FAN, Santa Cruz de la Sierra, 2003.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. Zahar, 1989.

GRUCA, M.; ANDEL, T. R. V.; BALSLEV, H. Ritual uses of palms in traditional medicine in Sub-Saharan África: a review. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. DOI: 10.1186/1746-4269-10-60, 2014.

HEWLETT, B. S., and CAVALLI-SFORZA, L. L. Cultural transmission among Aka pygmies. *American Anthropologist* 88(4): 922–934, 1986.

HOMMA, A. K. O. A dinâmica do extrativismo vegetal na Amazônia: uma interpretação teórica. Embrapa – CPATU. Belém, 1990.

_____. Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades. Embrapa – SPI. Brasília, 1993.

IVES, N. O.; BARROS, F. B.; NAKAYAMA, L. Os velhos, as melhores referências: o etnoconhecimento como patrimônio cultural da comunidade indígena Tentehar (Maranhão, Brasil). *Revista Cocar*, Programa de Pós-Graduação em Educação: UEPA, Belém, 2015.

JOHNSON, V.D. Tropical Palms, 2010 revision. Food and Agriculture Organization of the United Nations. Rome, 2010.

LEFF, E. Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Tradução de Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Ed. Da FURB, 2000.

MALINOWSKI, B. K. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

MOLINA, D. J. C. Guía de frutos silvestres comestibles de la Chiquitania. Editorial FCBC. Santa Cruz, 2014.

MONTOYA, F. M.; MORAES, M. R. Palmeras utilizadas por los indígenas Yuracaré del Territorio Indígena Parque Nacional Isiboro-Sécure (Cochabamba, Bolívia). *Revue d'ethnoécologie*, 2014.

MORAES, M. R. Diversity and distribution of Bolivian Palms. *Principes*, 40(2), pp. 75-85, 1996.

_____. Atualización de la lista de especies nativas de Arecaceae para Bolivia. Revista de la Sociedad Boliviana de Botánica, v. 8, n. 1, p.17-26, Sept., 2015.

MORAES, M.R; ZENTERO-RUIZ, F.S e FUENTES, A.F.C. Árboles de bolivia: actualización e implicaciones del conocimiento. Kempffiana, 13 (1); 1-90. La paz, 2017.

MORAES, M.R & ZENTERO-RUIZ, F.S. El género Attalea (Arecaceae) de Bolivia: afinidades con sistemas ecológicos regionales. Revista peruana de biología 24(3):273-282, octubre de 2017.

MARTINS, J de S. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

NAVARRO, G. Clasificación de la Vegetación de Bolivia. Centro de Ecología Difusión Simón I. Patiño. Santa Cruz-Bolivia, 2011.

PARK. R.E e BURGESS, E.W. Introductions to the Sciences of Sociology. Chicago: The University of Chicago Press, 1921.

PUHL, J. I. Territorialidades chiquitanas em comunidades rurais da Província de Velasco, Bolívia (1953-2006). São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2011.

RAYNAUT, C, Z. M. La Construction de l'interdisciplinarité en Formation intégrée de l'environnement et du Développement. Paris:Unesco (Document préparé pour la Réunion sur les Modalités de travail de CHAIRES UNESCO DU.DÉVELOPPEMENT DURABLE. Curitiba, 1 - 4 juillát 93 - mimeo), 1993.

SALAZAR, R. S. M. Propuesta para la creación de la Reserva Municipal Laguna Marfil, Municipio de San Ignacio de Velasco. Santa Cruz, Junio de 2010.

SANCHS, I. Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir. SP. Vértice. 1986.

SCARIOT, A. Forest fragmentation effects on palm diversity in central Amazonia. Journal of Ecology 87: 66–76, 1999.

SILVA, M. et al. Nomes vulgares de plantas amazônicas. Manaus, INPA; CNPQ, 1977.

THE PLANT LIST. Disponível em: <<https://www.theplantlist.org/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

URIOSTE, M. Fortalecer las comunidades. Una Utopía Subversiva, Democrática... y posible. AIPE/ PROCOM/ TIERRA. La Paz, 1992.

VIDES-ALMONACID, R.; REICHLER, S.; PADILLA, F. Planificación Ecorregional del Bosque Seco Chiquitano. FCBC, TNC, Santa Cruz de la Sierra, 2007.

WHYTE, W. F. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor [1943], 2005. WHYTE K. P. Indigenous women, climate change impacts, and collective action. Journal of Feminist Philosophy 10: 1–18, 2013.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33
Alimentação 13, 60, 108, 127, 130, 131, 143, 218, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 277
Anos iniciais 256, 257, 258, 259, 260, 261, 266, 267, 268

B

Bacharelado em ontopsicologia 177, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193
Brechó 34, 36, 37, 38
Brinquedos 40, 41, 42, 44

C

Chiquitano 57, 58, 60, 61, 64, 65, 66
Conhecimento tradicional 57
Criança 10, 20, 23, 29, 30, 31, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 56, 115, 119, 120, 127, 129, 147, 161, 206, 266, 267, 268, 269, 272
Crise 69, 70, 71, 134, 141, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 170, 174, 184, 201
Cultura da paz 97, 103
Curso técnico em agropecuária 216, 217, 221
Cyberbullying 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

D

Dança 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 120, 123, 130, 132
Desafios 4, 9, 20, 26, 27, 31, 37, 48, 50, 52, 53, 55, 57, 58, 64, 76, 84, 85, 86, 87, 93, 94, 96, 98, 99, 141, 142, 149, 175, 216, 241, 261, 271
Design de interiores 208, 209, 214
Disciplina 1, 2, 5, 81, 118, 154, 167, 168, 187, 190, 227, 232, 233, 234, 235, 258, 262, 285, 288
Docência 113, 153, 160, 256, 261, 267

E

Economia solidária 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76
Educação do campo 76, 136, 137, 138, 139, 146, 150
Educação especial 2, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 124
Educação inclusiva 1, 2, 3, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 33, 106, 110, 115, 206
Educação musical 117, 121
Educação popular 67, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 138, 139
Educação profissional agrícola 216
Educador 5, 21, 27, 30, 31, 48, 53, 72, 88, 125, 126, 127, 129, 131, 144, 153, 154, 160, 166, 171, 172
Egressos 208, 209, 212, 213, 220, 222

Empreendedorismo 34, 36, 38, 75, 218, 219, 220, 226

Ensino 1, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 50, 51, 52, 53, 54, 61, 79, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 92, 96, 99, 101, 103, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 139, 141, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 155, 157, 165, 166, 178, 180, 184, 192, 193, 194, 198, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 258, 259, 260, 261, 262, 267, 268, 270, 284, 292

Ensino técnico 50, 54, 209, 212, 213, 214, 222

Escola 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 63, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 178, 198, 199, 201, 204, 208, 209, 210, 211, 213, 216, 221, 222, 229, 230, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 257, 258, 260, 261, 264, 265, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 284, 289, 290, 291, 292, 293

Escola bilíngue 1, 2, 3

Escola sem partido 78, 79, 83, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164

Estudos de gênero 78, 80

F

Feminismo 67

Formação 5, 9, 21, 26, 29, 31, 34, 35, 36, 38, 39, 59, 71, 74, 79, 86, 87, 88, 93, 98, 99, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 126, 127, 129, 131, 133, 135, 136, 143, 146, 149, 150, 151, 162, 167, 168, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 198, 206, 207, 209, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 239, 242, 252, 256, 257, 259, 261, 266, 267, 268, 282, 289, 292

Formação internacional 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193

G

Gênero 16, 25, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 62, 67, 68, 70, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 156, 157, 172, 198

Geografia 52, 98, 104, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 268

H

Histórico da deficiência 12, 13

Humanismo cristão 165, 172, 173, 175

Humanismos filosóficos 165, 166

I

Inclusão 1, 9, 11, 12, 13, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 74, 88, 89, 94, 105, 106, 111, 113, 114, 134, 142, 235, 243, 268, 277, 285, 290, 291

Inclusão escolar 22, 23, 27, 31, 32, 114

Infância 11, 40, 41, 44, 51, 115, 153, 202, 206, 256, 266, 267, 268

Internacionalização 177, 178, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 192

Intervenção educativa 97

J

Jovens 23, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 45, 46, 52, 54, 57, 62, 63, 73, 88, 91, 102, 104, 110, 122, 123, 130, 131, 138, 160, 161, 162, 163, 177, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 193, 195, 198, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 225, 242, 247, 248, 249, 250, 254

P

Pedagogia ontopsicológica 180, 247, 248, 252, 253, 254, 278

Pensamento crítico 126, 153, 154, 156, 162, 292

pensamento espacial 9, 256, 258, 260, 261, 264, 265, 266

Pessoas com deficiência 3, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 33, 107, 108, 117

Plano Educacional Individualizado (PEI) 106

Prática pedagógicas 55, 136

Professores 11, 23, 24, 27, 79, 81, 82, 86, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 102, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 129, 131, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 156, 157, 162, 163, 164, 168, 177, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 206, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 241, 242, 244, 256, 257, 258, 259, 261, 263, 264, 265, 266, 290, 292, 293

Projeto vencedor 247, 250, 251, 252

Protagonismo 34, 67, 74, 75, 194, 195, 256, 260, 269, 271, 274, 275, 278

Psicometria 279, 280, 284

R

Redes sociais 48, 50, 53, 55, 157, 242, 247, 248, 249, 251, 253, 254

Reformas 211, 227, 228, 230, 234

Relação ensino-aprendizagem 22, 31

Relatório “jogo aberto” 85, 86, 91

S

Sexualidades 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90

Surdo 1, 7, 10

Sustentabilidade 184, 195, 198, 219, 225, 269, 270, 278

T

Tecnologia 24, 26, 48, 55, 71, 182, 219, 220, 225, 247, 253, 288, 291, 292

Teoria clássica dos testes 279, 280, 284

V

Violência 29, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 71, 79, 82, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 104, 110, 163, 168, 174, 206, 242

Violência escolar 51, 92, 97, 104

Vivências 2, 37, 41, 132, 170, 181, 188, 198, 205, 242, 257, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 269, 271

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-664-5

